

JAZZ

17 NOVEMBRO 2017

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Beatriz Pessoa

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Voz Beatriz Pessoa Baixo João Hasselberg Bateria João Lopes Pereira
Teclas e voz Margarida Campelo

Sex 17 de novembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Chegar às pessoas

Sim, há um pop-jazz em Portugal liberto de preconceitos e com qualidade, e o nome de Beatriz Pessoa encontrou já um lugar para si entre os – poucos – que praticam a tendência. No caso da jovem cantora de Lisboa este jazz que é pop também não é apenas um jazz vocal disponibilizado ao consumo dos ouvidos por meio de estratégias pop. Esses recursos são por ela utilizados, de facto, mas porque só assim faria sentido para a própria música que compõe e interpreta: a sua estreia discográfica fez-se com um EP, *Insects*, e não com um álbum, como é habitual nesse género musical “de obra” a que chamamos jazz, e dele saíram dois *singles*, *You Know* e *Disguise*, com *videoclips* desses mesmos temas. Mais do que isso, o seu pop-jazz tem uma caracterização de raiz, a mesma de quando o termo foi assumido por Pat Metheny para o seu Group. Não é um rótulo, mas uma identidade. Não define, apenas circunscreve. Não é uma caixa, quanto muito um espaço aberto.

Diz a própria Beatriz: «Para mim, nunca foi uma prioridade encaixar a música numa caixa. Sempre ouvi muitas coisas, de vários estilos, e acho que a música que faço tem influências de áreas diferentes. A pop está muito presente na minha vida e o jazz idem, pelo que quando comecei a compor essa mistura ficou muito clara. O jazz é, por natureza, um estilo de influências várias, desde os primórdios resultando da mescla de outros géneros... A pop é o estilo mais associado à minha geração

e o jazz foi a minha escola, pelo que este tem sido um processo natural.» E que pop é essa neste jazz? Muitas, na verdade, e Beatriz Pessoa não distingue Björk, Nina Simone, Beyoncé, Ella Fitzgerald, Elis Regina, Chet Baker «e muitas outras e outros», em especial de ramos da canção como a *soul* e o rock.

«O meu interesse vai para o que a música me traz ou não. Quando ouço música mais eletrónica, no caso da Björk, e imagino mundos paralelos, ou quando assento os pés numa batida mais *in* e dou atenção a Lianne La Havas, o que gosto é de ser transversal. Quero que as minhas cantigas o sejam também», refere esta antiga estudante da Escola Superior de Música e da Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Acima de tudo, é uma questão de atitude, e é esta que faz com que a sua pop, o seu jazz e o seu pop-jazz não sejam – assim mesmo, no plural – propriamente *mainstream*. Ouvimos o que canta e é indubitável o fator *indie*. Compare-se Beatriz com, por exemplo, o que propõem os também portugueses e “alternativos” Sease com a forma-canção: independentemente da maior ou uma menor presença do jazz, há uma coincidente linha estética, e a dita, se é de reconhecimento e de continuação das referências, não as reproduz passivamente, preferindo uma adoção criativa e pessoal das formas e dos materiais existentes.

«Foi o jazz que me deu essa liberdade, e a partir daí o resto vem de uma maneira muito fluida. Durante algum tempo cantei o que é conhecido como “jazz vocal”, e apesar de ser um

interesse meu, nunca me senti completa nesse elemento... Precisava de alguma coisa mais minha. Gosto da ideia de ser *avant*, mas nunca me vi dessa maneira. Sinto que, de algum modo, já foi quase tudo inventado, e que o meu papel como cantora e compositora é o de reavaliar essas descobertas e reinventá-las. O novo tornou-se relativo, e o velho, o *vintage*, é uma constante cíclica», argumenta.

Beatriz Pessoa teve a sorte de ter estudado com grandes figuras como Greg Osby, Danilo Perez e Jorge Rossy – não fossem eles e provavelmente não seria quem é hoje. «Era muito nova ainda aquando da minha primeira experiência jazzística num curso de verão no CCB. Assisti a *masterclasses* do Osby e do Perez e senti-me importante só por fazer parte daquilo. Numa das *jam sessions* do curso cantei o *Bye Bye Blackbird* acompanhada pelo Danilo. Foi das primeiras vezes que subi a um palco e percebi que pertencia ali. Jorge Rossy mudou, por sua vez, a minha forma de olhar para a música. Durante três anos seguidos frequentei um *workshop* em Begues, Barcelona, que era dirigido por ele, entre outros músicos. Numa das classes de final de dia o Jorge falou da nossa responsabilidade enquanto músicos para manter o interesse, cada vez menor, do público, e do respeito que devemos ter por quem partilha o palco conosco. Foi um momento decisivo. Devo também mencionar três mentores que sempre me apoiaram e acreditaram em mim: Gonçalo Marques e João Godinho, que me trouxeram para o jazz, e Joana Espadinha, que me ensinou

que uma cantora pode ser sempre mais e melhor. Ainda hoje ela está muito presente na minha vida, como amiga e mestra.»

Privar com Maria João foi igualmente fundamental para Beatriz: «Foi a minha professora de licenciatura e foi com ela que ganhei coragem para compor, para descobrir outros idiomas musicais, outros cantos. Ficou um enorme carinho e a percepção de que cada corpo é um instrumento diferente e de que não há regras.» As outras pessoas importantes no seu dia-a-dia de trabalho estão no grupo que a acompanha ou colaboram com ela frequentemente, começando por João Hasselberg – o músico português que mais tem contribuído para tornar o pop-jazz num estilo nobre – e António Quintino. «São ambos incríveis e admiro-os muito. Trazem coisas diferentes para a minha música. O João tem aproximado o jazz de outras músicas e fá-lo com uma enorme classe e com originalidade.» Um carinho especial tem ainda por Margarida Campelo e João Pereira, a teclista e o baterista do seu quarteto: «Também eles são importantíssimos para a sonoridade que pretendo. A Margarida acompanha o meu percurso desde quase sempre. É uma instrumentista inspiradora e faz parte da minha vida. O João foi meu colega de escola, é o meu confidente e conselheiro e dos melhores bateristas que conheço.»

Se a música de Beatriz Pessoa é especial, também o são as letras que escreve, tendo a particularidade de contar histórias: «Para cada canção imagino um cenário, umas quantas personagens e as

suas respetivas vidas... Às vezes é sobre a minha que falo, mas em outros temas sou meramente observadora do que me rodeia. Agradeço-me saber o que cada um interpreta destas minhas histórias, ou o que leva consigo delas, ou se consigo mudar algo nas suas consciências e nas suas vivências.» E porque assim é, as canções que lhe ouvimos têm um registo intimista. Acrescenta: «Quero aproximar o palco do público e para tornar o grande de um espaço ou de um espetáculo numa proximidade é importante haver cenário, imagens e luz. A minha grande motivação é fazer com que a música chegue às pessoas, sejam elas quem forem e estejam onde estiverem.» Face a esta predisposição, fácil é gostar de Beatriz e tornarmo-nos seus cúmplices...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Beatriz Pessoa

VOZ

Cantora e compositora de registo intimista, Beatriz Pessoa tece os seus temas originais no universo da pop e do jazz. Disso é prova o seu primeiro EP, *Insects*, gravado e produzido no estúdio HAUS e lançado no final de 2016, no qual se faz acompanhar por um grupo de músicos talentosos que desde cedo fazem parte do seu percurso.

You Know, tema de avanço do EP de estreia de Beatriz Pessoa, toca em rádios como TSE, Rádio Nova, Antena 3 e Marginal, sendo que o vídeo contou com a direção de João Pedro Moreira (Branko, Ana Moura, entre outros). *Disguise*, o segundo *single*, contou com um *videoclip* realizado pela fotógrafa Joana Linda, no ambiente cinematográfico do 1908 Lisboa Hotel.

Licenciada em jazz na Escola Superior de Música de Lisboa, vertente canto, Beatriz Pessoa é uma compositora, cantora e instrumentista que tem no jazz um DNA perfeitamente reconhecível, mas também a pop igualmente assumida com influências como Lianne La Havas e Laura Mvula.

João Hasselberg

baixo

João Hasselberg começou por tocar baixo elétrico aos 16 anos de idade e completou a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal. Depois de se ter iniciado no estudo de contra-baixo, aos 20 anos de idade, ingressou no Conservatório de Amesterdão,

através do qual se licenciou em 2010 (com 9 valores em 10). Em 2007, Hasselberg alcançou o terceiro lugar na Competição Internacional de Jazz de Bucareste, apresentou-se nas semifinais do concurso Keep an Eye Jazz Award, em 2009, e ocupou o 1.º lugar no Prémio Jovens Músicos 2011 na categoria Jazz Combo. João Hasselberg é atualmente um músico que colabora com diferentes artistas e projetos nacionais e internacionais; é professor de contrabaixo na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal. Em 2013, estreou-se como compositor e líder do seu próprio projeto com o lançamento do disco *Whatever It Is You're Seeking, Won't Come In The Form You're Expecting* (2013), tendo um ano mais tarde lançado o seu segundo disco, com o apoio da Fundação GDA, *Truth Has To Be Given In Riddles* – ambos os discos assinalados entre os melhores de cada ano. Com o seu projeto, Hasselberg tem já atuado em salas de espetáculo e festivais de referência pelo país.

www.joaoasselberg.com

João Lopes Pereira bateria

Lisboeta de nascimento e com dupla formação em música clássica e jazz na Escola Superior de Música de Lisboa, na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e no Conservatoire Supérieur de Musique et Danse de Paris, João Lopes Pereira teve entre os seus mestres Adam Cruz, Ben Street, Jorge Rossy, Peter Bernstein e Jimmy Wormworth. Tocou já nos grupos M. Hulot Quintet, Filipe Melo

Trio, Sara Serpa & Fragmentz, André Matos Lagarto e André Santos Quarteto, entre outros.

Margarida Campelo teclas e voz

Margarida Campelo nasceu em 1988, em Lisboa, e começou cedo a sua atividade musical, em trabalhos de estúdio como *jingles*, dobragens e coros. Iniciou os estudos musicais aos 13 anos com aulas de piano clássico, e mais tarde no curso de canto lírico da Escola de Música do Conservatório Nacional. Estudou piano jazz na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, a partir de 2006, e na Escola Superior de Música de Lisboa, desde 2009.

Atualmente é professora na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e dá concertos regularmente por todo o país. É membro de bandas como Julie & the Carjacks, Real Combo Lisbonense, Bruno Pernadas, Cassete Pirata, Minta & the Brook Trout, Beatriz Pessoa, entre outras.

Próximo espetáculo

Mão Morta

25 Anos de *Mutantes S.21*

Música Sáb 18 de novembro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M12



Voz Adolfo Luxúria Canibal Bateria Miguel Pedro Teclados e guitarra António Rafael Guitarras Sapo, Vasco Vaz Baixo Joana Longobardi

Passados 25 anos sobre a edição de *Mutantes S.21*, os Mão Morta apresentam em concerto a celebração desse álbum que, na altura, deu a conhecer a um público vasto uma banda antes conhecida apenas no meio *underground* nacional.

Pela primeira vez em concerto são interpretados todos os temas do álbum, incluindo três deles nunca antes tocados ao vivo. Todos eles têm letras que evocam ambientes urbanos, relatando histórias passadas em cidades.

Mutantes S.21 foi um álbum de transição do vinil para CD. Na altura pensou-se que seria o último trabalho em vinil dos Mão Morta e por isso foi acompanhado de uma edição especial em banda desenhada. Agora, o grupo lembra o facto, não reeditando a BD, mas convidando quinze ilustradores nacionais para criarem obras a partir de cada tema apresentado em concerto.

Sobre essas ilustrações o artista digital João Martinho Moura, cria imagens que dialogam em tempo real com a atuação em palco dos Mão Morta.

Não se trata de uma revisitação nostálgica de um passado já antigo, mas de um espetáculo novo, em digressão pelo país, construído a partir de um trabalho marcante na história desta banda e da música portuguesa.

Conselho Diretivo**Presidente**

Paulo Moita de Macedo

AdministradoresJosé Ramalho
(Direção Executiva)Mark Deputter
(Direção Artística)**Assessores**

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Francisco Frazão (assessor
Teatro para temporada
2017-2018)Gil Mendo (assessor Dança
para temporada 2017-2018)**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

**Serviços Administrativos
e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de**Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral
de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado

(estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt